



as
armas
do
povo

EM FRÊNTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR

OS TRABALHADORES

lutam contra

A EXPLORAÇÃO

quando lutamos unidos os patrões recuam



N.º 1
JUNHC
71

1º DE MAIO DE LUTA

Mais uma vez o povo lutou no dia 1º de Maio!

Mais uma vez esta data foi escolhida para gritar a revolta contra os exploradores!

O aparelho repressivo que a polícia pôs em campo não chegou para conter a vontade e a coragem de manifestar de milhares de trabalhadores!

No Porto, uma manifestação foi convocada para às 18h 30mn pelo P.C.P., Comité Operário Mao-Tse-Toung e Acção Revolucionária Comunista (esta última organização não marcou local nem hora).

As palavras de ordem dos revisionistas eram:- contra a carestia de vida, contra a guerra, contra o fascismo, demonstrando mais uma vez a sua linha puramente anti-fascista e democrática-burguesa.

O Comité Operário Mao-Tsé Toung, lançou a palavra de ordem:- "contra a exploração, pela revolução dos operários, camponeses e soldados".

Às 18h30mn. perto de 20.000 operários se concentravam na praça. Os militantes revolucionários lançaram a palavra de ordem de descer para a "Ribeira", zona popular. Outros manifestantes, isolando-se e recusando-se a seguir esta justa palavra de ordem, foram presos quando se passeavam com a bandeira burguesa (a bandeira nacional).

A polícia atacou, Muita resistência, muitos feridos entre os manifestantes, a polícia e a Pide. Três polícias estão em estado muito grave.

À noite houve pedrada e porrada nas zonas pobres: a polícia fugiu.

Sigamos o exemplo dos camaradas operários e estudantes do Porto!

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR

Lisboa: 2 bombas

Foi posta uma bomba, que explodiu, no automóvel do professor fascista Paulo Cunha, que foi ministro dos negócios estrangeiros da burguesia e antigo reitor da Universidade de Lisboa, culpado da prisão de dezenas de estudantes.

Uma outra, que não chegou a explodir, por ter sido descoberta, foi posta no pacote "ANGOLA", no 1º de Maio.

PELA LIGAÇÃO DAS LUTAS POPULARES!

O povo revolta-se.

Greves, ocupações dos locais de trabalho, manifestações, exigência de aumentos de salário e de melhoria das suas condições de vida.

O povo entre-ajuda-se e luta.

Os jovens são ajudados a fugir da guerra injusta que os colonialistas portugueses fazem em África, os operários da construção civil do Cacém lutam contra a polícia apoiando os seus camaradas metalúrgicos, de Norte a Sul se organizam protestos e manifestações contra a repressão que se abate sobre as massas trabalhadoras.

De que precisa o povo para que o seu combate se torne cada vez mais duro e corajoso, para que se acesse a extinção dos exploradores?

Para destruir o capitalismo, para vencer as forças da repressão no decorrer da acção, com o lançamento de palavras de ordem justas que correspondam aos interesses das massas.

Nas esta unidade não se faz no papel, nem com palavras. Esta unidade obtém-se com actos concretos, com a luta, com a troca de experiências alcançadas, o povo precisa de se armar. O povo precisa de armas.

QUAIS SÃO AS ARMAS DO POVO?

As suas armas são os instrumentos de trabalho dos operários, são as foices e forquilhas dos camponeses, são as espingardas

metralhadoras que os filhos do povo roubam ao Exército quando desertam.

Mas a sua arma mais importante é a sua unidade, a sua união na luta contra o capitalismo.

Como se chega à criação dessa frente de combate que nunca a burguesia conseguirá derrotar?

Pondo os operários e camponeses em contacto, ligando os trabalhadores das fábricas, das minas e da pesca, unindo os empregados, estudantes e intelectuais revolucionários na luta pela libertação do povo, no combate pela liquidação da sociedade burguesa.

Uma das principais tarefas actuais dos militantes é a de quebrarem o muro de silêncio que impede as largas massas de conhecerem as lutas do povo, que faz com que muitas revoltas sejam ignoradas, que impede o desenvolvimento da solidariedade activa popular, primeiro passo para a união dos esforços contra os exploradores.

Para se chegar a esse objectivo, a única arma à nossa disposição é a imprensa clandestina.

Folhas de informação, jornais locais e regionais, e um jornal que tentará centralizar as informações.

Este o fim em vista quando lançamos este novo jornal.

Ele será útil se os militantes se souberem servir dele para a comunicação das informações e para o confronto das experiências.

Nessa altura, seremos uma nova ARMA DO POVO.

A equipa de redacção

correspondência



E IMPOSSÍVEL VIVER EM PORTUGAL

"É impossível viver em Portugal", a vida está muito cara; quando os salários aumentam 30% o custo de vida aumenta 70%, o bacalhau a 38 escudos peixe o mais barato é 25 escudos, e o mais caro 40 escudos, e a carne nem se fala. Os salários na cortiça e cerâmica não vai além de 70 escudos por dia, e as casas muito caras, por exemplo no Montijo há rendas de casas até 1.200\$00, e no bairro de Areias onde não há água nem luz, e nem canos de esgoto, há casas de 3 e 4 divisões que pagam de renda 500 a 600 escudos.

Depois da entrada de Caetano ele dizia que ia melhorar a situação de quem trabalha, ele simplesmente segue a doutrina de Salazar. Mas mais esperto, mais inteligente, mistura-se com o povo com o sorriso nos lábios mas já não engana muita gente, a repressão, prisões, continua como antes.

Mas alguma coisa tinha que mudar, pelo menos para enganar os trabalhadores.

Quando se vê que uma determinada forma de domínio está ultrapassada, procuram substituí-la por outra mais avançada, concedendo melhorias aqui e acolá, para não perderem o poder.

Neste momento o Caetano é o homem ideal para este trabalho de demagogia ("eleições livres") dada a burguesia descontente com

o Salazar e para continuar a enganar as massas trabalhadoras.

Assim é que momento actual procuram convencer o povo trabalhador de que é preciso mudar alguma coisa, mas nunca propõem alterações que seja dar liberdade aos trabalhadores, que é liberdade sindical, liberdade de greve, e a liberdade de reunião.

Mas enquanto os trabalhadores estiverem preocupados em resolver cada qual o seu problema particular esquecerão que são responsáveis pelo conjunto desses problemas, não procurarão compreender o motivo, a causa do seu sofrimento, e passarão toda a vida se libertando de um problema para cair noutro. Tudo isto porque os que vivem do trabalho não se unem para lutar contra os inimigos, que são os capitalistas, em vez de lutar entre nós."

Uma operária

sobre a greve

Supondo que me encontro a trabalhar numa fábrica em Portugal, e o meu objectivo é o duma greve.

Para que essa greve se realizasse era preciso em primeiro lugar acautelar-me e fazer todo o trabalho em silêncio.

Mas para que fosse tudo feito em silêncio só havia uma solução a dos panfletos. Panfletos esses

que seriam feitos por mim num copiógrafo manual que fosse de minha pertença, depois de estarem prontos teria de os distribuir da seguinte maneira:

Entraria na fábrica antes dos meus colegas e metia-os nos armários um por sua vez, ou então uma outra maneira que devia dar resultado, seria de os colocar nas retretes.

Estou certo que o efeito seria imediato, começariam logo as trocas de impressões entre todos não faltando lá eu, está claro.

Mas isto não seria logo tudo a prontificar-se em fazer a greve, mas faziam-se mais panfletos mais discussões até que chegaria a altura de se fazer a primeira, e então não sustaria fazerem-se mais.

Mas que género de panfletos seriam? Muito simples: a dizer a todos os operários que estavam a ser vendidos à burguesia, a exploração com que estão a ser vitimados. E então a greve seria com o intuito de se ir ao pé do patrão e forçá-lo a dar aumento e menos horas de trabalho, caso contrário não trabalhamos.

Esta é uma grande arma contra a burguesia patronal. No entanto deixo ao vosso critério para verem se é ou não.

(Carta dum jovem camarada operário)

Comentário da equipa de redacção:

Camarada: quanto à greve não podes partir de suposições. A greve será feita ou não (há greves que são desmobilizadoras) conforme a situação concreta do lugar onde trabalhares. Para tal necessitas de estar ligado aos

teus camaradas de trabalho, de modo a saberes o que eles pensam, quais são as suas necessidades, e teres a sua confiança de maneira que eles mesmos distribuam os panfletos e façam outras tarefas que tu só não conseguirás fazer.

Tu entendes a greve como nascendo num momento, como se caísse do céu, como o sol que saídas núbvens e se põe a brilhar.

A greve vem-se formando de trás, é resultado por vezes de trabalho de camaradas que o vêm fazendo há muito tempo que dará os seus frutos em certas condições tais como o aumento de condições, salários muito baixos, más condições de trabalho (greves económicas), falta de liberdade sindical e de reunião, chefes fascistas, existência da polícia nas fábricas, (greves políticas) são estas razões que unirão e conduzirão os trabalhadores à greve.

Para se fazer saber aos outros camaradas de trabalho as formas de luta, palavras de ordem, etc., há além dos panfletos a discussão, o comício, assembleias, pinturas nos muros, colagem de cartazes, etc., questões de agitação e propaganda que necessitam de uma organização para serem resolvidas.

Pensamos que não viste estas coisas por razões:

1º-Não viste a necessidade de organização de maneira que se trace a partir desta uma linha justa

justa e uma orientação unitária para todos os trabalhadores que entrarão em greve (estou-me aqui lembrando do Partido, lê o livro "Que Fazer?", do grande camarada Lênine.)

2º-Desseidas a linha de massas e crês que a greve a conseguirás sem estares ligado aos

segue na pag. 6



Na foto: o general Spínola,

e um traidor guineense.

A derrota dos colonialistas portugueses na Rep. da GUINÉ

O ataque terrorista do exército português à República Democrática da Guiné, repellido pelo povo da Guiné em armas,

e desmascarado a nível internacional tanto pelas forças progressistas em geral como pela ONU, visava acabar com a ajuda revolucionária que o Governo da República Democrática da Guiné presta ao PAIGC.

Por isso são de prever novos ataques, segundo declarações do presidente Sékou Touré, que reafirmou a ajuda do seu Governo ao PAIGC na sua luta contra o colonialismo português, acrescentando que o povo da República Democrática da Guiné estará pronto para expulsar novas invasões dos colonialistas portugueses que venham a verificar-se.

O facto de o governo português ter chegado ao extremo de atacar a República da Guiné para travar a luta do PAIGC, dá-nos uma ideia de como as coisas correm mal para os inimigos dos trabalhadores, ao contrário do que eles pretendem fazer crer na Rádio, na Televisão e nos jornais, seus órgãos de propaganda.

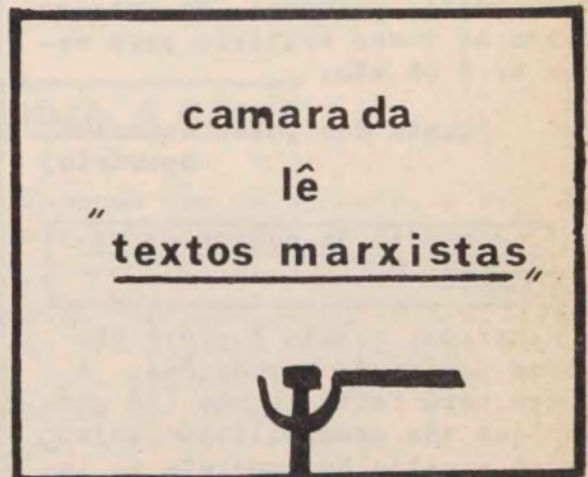
SOBRE A GREVE continuação

teus camaradas, sem estares no seio dos teus camaradas como "o peixe dentro de água", como ensina a própria prática.

Claro que pensamos como tu que a greve é uma das grandes armas dos trabalhadores.

Mas já tens o mais difícil: a tua vontade e força, o que falta a muito boa gente que "sabe tudo".

As nossas saudações revolucionárias.





26

CONTOS

PARA

MATAR

A EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA ESTÁ A OFERECER DINHEIRO (26 CONTOS) PARA MERCENÁRIOS QUE QUEIRAM IR COMBATER CONTRA O POVO DO VIETNAME ...

Por todo o lado onde tem governos amigos, da mesma laia, o governo fascista norte-americano recruta mercenários para combaterem o povo heróico do Vietname. Como o governo da burguesia portuguesa é um dos que está sob as ordens dos mandões norte-americanos, também a Portugal os imperialistas americanos vêm recrutar soldados para os seus miseráveis fins.

Nós trabalhadores sabemos que os patrões para nos fazerem trabalhar e para enriquecerem à nossa custa precisam de ter bufos e polícias nas fábricas, e um exercito para nos reprimir quando lutamos pelos nossos direitos.

Como não temos nada a perder, e tudo a ganhar, a nossa luta não pára, e nós vamos organizando contra todas as armas e manobras que os patrões utilizam, afinando as nossas próprias armas.

Neste combate os patrões têm que também afiar as suas. Corrompem e compram alguns homens de entre nós - os que vacilam mais - trocam com os capitalistas estrangeiros o nosso trabalho por armas, helicópteros, e quando a luta esca dura, eles metem todo o arsenal contra nós.

Isto é também o que se passa nas colónias - Para extorquir e escravizar os povos negros, os burgueses tentam exterminá-los quando encontram resistência. A maneira de agir dos capitalistas portugueses é igual à maneira de agir dos capitalistas estrangeiros.

Eles unem-se contra os trabalhadores, quando os trabalhadores estão unidos contra eles.

Isto só vem mostrar a força dos operários e massas trabalhadoras. E se hoje em Portugal os americanos ainda podem "oferecer" tais empregos, nós avisamos desde já os matadores profissionais dos povos em luta contra a opressão e a exploração:--

— Se por 26 contos vocês vão matar os trabalhadores em luta, nós pelos trabalhadores limpamo-vos a pele.



os trabalhadores lu

CABO RUIVO

No dia 16 de Março, na fábrica Barros & Barros, da avenida infante D. Henrique, os operários entraram em greve sendo, tal como em Braga, mulheres na sua grande maioria, por:

- um aumento de salario de 200%
- férias em Agosto como nas outras fábricas.

Como única resposta, o patrão despediu três operárias.

No dia seguinte (17 de Março) os trabalhadores voltaram a parar o trabalho, insistindo na satisfação das reivindicações apontadas e na readmissão das camaradas despedidas.

Como o patrão não cedesse, o movimento continuou na quinta-feira, dia 18, em que várias secções da manhã foram completamente paralizadas. O patrão respondeu ainda desta vez com o despedimento de 65 operárias.

Às 3 da tarde, com a chegada dos trabalhadores do segundo turno a greve generalizou-se a toda a fábrica, o que fez com que o patronato readmitisse as 65 operárias expulsas de manhã.

O movimento ganhou força com esta vitória, sendo ainda reforçado com a greve de solidariedade dos operários da fábrica Manuel Lopes Henriques que

se situa nas vizinhanças.

No dia 19 (sexta-feira) as duas fábricas pararam totalmente, reunindo cerca de 650 operários em luta, alargando-se este numero na mesma tarde, em que uma verdadeira multidão de trabalhadores (cerca de 4.000 mil operários) das fábricas desta região manifestaram o seu descontentamento contra o patronato, na Avenida infante D. Henrique.

A ocupação do local pelas massas trabalhadoras, durante cinco dias, mostra bem a sua determinação em se organizarem elas proprias, fora da alçada dos sindicatos fascistas e das organizações colaboradoras da burguesia (Partido Comunista português, Acção Socialista, etc.).

A policia interveio, entrando na fábrica a pedido do patrão (Fernando de Barros) que era o presidente do sindicato fascista e ao mesmo tempo presidente da federação dos patrões.

Só no dia 22 (segunda-feira) cerca de 50 operários retomaram o trabalho, não estando ainda satisfeitas as reivindicações que se pretendiam.

OVAR

Na fábrica Rabor, os operários fizeram dois dias de greve. O patrão pretendeu intimidá-los despedindo alguns trabalhadores entre os mais activos na luta e para preencher as vagas deixadas por estes tentou con-

lutam contra a exploração!

tratar mão de obra mais barata nos meios rurais dos arredores. Os operários da fábrica informaram os seus camaradas do campo acerca das condições de trabalho e de salário a que os queriam expor, tendo-se aqueles solidarizado ao recusarem o contrato, o que obrigou o patrão a readmitir os operários expulsos.

Este acontecimento, de unidade dos trabalhadores de fábrica e do campo, é muito importante sobretudo na necessidade de ligar as lutas que uns e outros desenvolvem, para que se possa destruir assim um inimigo que nos é comum: o estado burguês defende os interesses burguês detende os interesses dos patrões das fábricas e das terras.

LISBOA

Em várias fábricas do sector textil dos arredores de Lisboa, cerca de 3 mil operários, desencadearam greves de meiora, pela obtenção das suas reivindicações.

Também em Lisboa, no dia 15 de Março, cerca de dois mil caixeiros manifestaram-se em S. Bento exigindo como reivindicações:-

- 44 horas de trabalho semanais
- fim das horas extraordinárias não pagas.

As forças de repressão car-

regaram sobre aqueles trabalhadores, com cães polícias, metralhadoras e bastões ferindo muitos dentre eles, que por se encontrarem despervenidos não puderam opor muita resistência.

Durante todo o mês de Março, o movimento operário opôs-se o movimento operário opôs-se fortemente à exploração a que o patronato submete os trabalhadores.

Para além das greves e manifestações que noticiámos, houve greves nas seguintes fábricas:-

- Tudor
- Fábrica Cefa (Barreiro)
- Fábrica Ford (Azambuja)
- Fábrica Oliva (S. João da Madeira)
- Fábrica de Limas (Vieira de Leiria)
- Fábrica de textéis "Ferro" em (Afe)





Fábrica de cabos

- Na Ávila - Greve na sexta-feira, 30 de Abril um operário que andava a recolher assinaturas para a nomeação de um juiz presidente (para arbitragem do contracto colectivo) foi despedido. O turno das 16 às 24 horas fez greve. Às 24 horas aparecem a G.N.R. e numerosos pides. Durante 3 horas estes operários mantiveram-se sem trabalhar, apesar da G.N.R. lhes apontar as espingardas.

- Celcat - nesta companhia inglesa, os operários fizeram greve exigindo o salário mensal em vez de ser à semana.

BRAGA

Greve na fábrica Grundig

No começo da tarde de 8 de Abril todas as operárias da fábrica Grundig (alemã), em Braga, concentraram-se junto às portas da fábrica, paralizando o trabalho. Exigiram um aumento de salários igual para todas.

O gerente da fábrica, um alemão, representante dos capitalistas alemães, que domina totalmente a empresa, apareceu e ameaçou mandar chamar a polícia.

Algumas operárias tiveram medo, mas a grande maioria (600) mantiveram-se de pé firme. O alemão, em vista da atitude firme das operárias, pediu que fossem falar com ele duas representantes dos trabalhadores, as quais foram nomeadas ali por todas.

Depois de telegrafar com urgência para a Alemanha, disse que ia estudar o assunto, mas que as operárias seriam certamente aumentadas.

Vinte operários especializados dos alemães apoiaram a greve, embora de forma passiva.

A greve parou inteiramente a produção, que é feita em cadeia.

Factos importantes:

1º - As operárias de Braga mostraram bem que as mulheres têm tanta coragem e decisão como os homens. Não admira: as mulheres trabalhando tanto como os homens, devem ter os mesmos deveres e direitos revolucionários que os homens.

2º - O patrão da fábrica, em vez de telefonar para a Pide, telefonou para a Alemanha. Isto diz-nos um bocado de quem é quem que manda (cada vez mais) no nosso País. Não são os próprios capitalistas portugueses que decidem. As ordens vêm de fora (neste caso, da Alemanha). Um pequeno exemplo de como o controle do nosso País também está nas mãos dos imperialistas estrangeiros.

3º- O apoio dos operários alemães à greve, embora passivo, é também de assinalar; na verdade, para já o importante é que os trabalhadores estrangeiros não sejam contra as nossas lutas. É de apontar o que acontece por vezes com os trabalhadores portugueses emigrados, que muitas vezes não apoiam, como até, são contra as lutas dos trabalhadores nos países onde se encontram, sobretudo em França. Onde quer que nos encontremos, devemos apoiar as lutas dos que são da nossa classe.

COMO FAZER EVOLUIR O
COMBATE
DOS TRABALHADORES?

- 1 - Dar a conhecer as lutas, ligá-las, trocar experiências, trabalhar no sentido da organização de comissões operárias semi-clandestinas. Nas fábricas: editar panfletos informando localmente os camaradas de trabalho.
- 2 - A agitação e propaganda tem de:
 - a) focar os objectivos imediatos da luta, de forma a manter vivas as condições que geraram a luta, fomentando assim a unidade de classe.
 - b) tocar toda a população dos arredores, de modo a que ela esteja informada das razões e situação da luta, para que, no caso de agudização desta, se possa contar com a sua ajuda e apoio.
 - c) as palavras de ordem devem partir do núcleo de trabalhadores mais avançados, que coordenam a luta, e chegar à base através de panfleto ou por via oral.

- 3 - As respostas têm de ser cada vez mais duras perante as desculpas ou manobras dos patrões.



DA EMIGRAÇÃO

LUTA OPERÁRIA, JORNAL DOS
TRABALHADORES REVOLUCIONÁRIOS
PORTUGUESES NA SUÉCIA

Foi publicado o 1º número do jornal "Luta Operária", na Suécia.

Da sua Nota de Abertura tirámos os seguintes dizeres, por nos parecerem abordar a questão da emigração de forma bastante clara:

"Luta Operária tem como objectivo dotar os trabalhadores portugueses de um instrumento de união e luta. Expulsos pelas condições de miséria da classe operária em Portugal, ou fugidos à guerra de rapina que os capitalistas portugueses fazem aos povos das colónias, há hoje perto de mil trabalhadores espalhados por toda a Suécia. Atemorizados pela repressão sangrenta do capitalismo fascista português ou desiludidos pela luta do Partido "Comunista" Português, partido que na prática deixou de trabalhar para a revolução e conduziu os trabalhadores a mais derrotas do que vitórias, a maioria de nós, no entanto, não se submete pacificamente à escravidão capitalista nem se deixa enganar pela conversa do Caetano.

Qualquer estado capitalista é sempre uma ditadura dos capitalistas sobre as classes trabalhadoras, mesmo à democracia mais aberta basta-lhe o espaço de uma noite para mostrar os dentes e transformar-se numa ditadura declarada e sangrenta. Não te esqueças que nestas condições a luta dos operários tem sempre que ser cuidadosa e clandestina. Em Portugal há mais de um bufo por cada mil portugueses, não há razão nenhuma para que aqui na Suécia não haja um ou mais. Por estas razões tens que tomar atenção à tua e nossa segurança. Tenhamos os mesmos cuidados que em Portugal."

SINDICATOS

E UNIÃO DOS TRABALHADORES

De 1910 a 1933, o sindicalismo foi muito forte no nosso País. Com a ditadura fascista, os sindicatos livres desapareceram, sendo substituídos pelos chamados "Sindicatos Nacionais", que eram directamente dirigidos pelo governo nos interesses da classe burguesa. O fim desta mudança não foi o de conciliar os interesses da classe operária com os da classe burguesa, mas o de eliminar a forma mais elementar de organização dos trabalhadores.

No decorrer da ditadura fascista e devido: 1) à importância que a burguesia industrial e financeira vinha ganhando no mando do País, 2) à primazia dada às relações económicas internacionais, 3) à penetração em força dos capitais estrangeiros em Portugal e nas Colónias (principalmente a partir do começo da guerra colonial), 4) ao aumento das fileiras do proletariado, fruto de toda esta política económica; os patrões e o governo começaram, em 1968, a encerrar a possibilidade de transformar os "Sindicatos Nacionais" em "Sindicatos dos Trabalhadores". Evidentemente que o interesse da classe burguesa não mudou, mas, à imagem do que se passa nos países capitalistas mais evoluídos, pensava poder continuar a servir-se destas organizações para defesa dos seus interesses. Como? ...deixando que as classes trabalhadoras elegessem os seus representantes, convencida de que os podia comprar com algumas migalhas.

factos

Sindicato dos Estivadores - No início de 1968 principiou uma luta para homologação da Direcção do sindicato que tinha sido eleita pela classe trabalhadora mas que o governo não queria aceitar. Também nesta altura se desencadeou a luta por aumento de salários e pela aceitação como sócios do sindicato, do chamado "Pessoal da Rua" e que constituía cerca de 50% da classe. Várias comissões foram enviadas ao Ministério

Ministério das Corporações acompanhadas de várias centenas de trabalhadores. É de notar o facto, de que, quase toda a classe da estiva, aderiu à luta; tanto sindicalizados como não sindicalizados.

Sindicato dos Metalúrgicos

Em Novembro de 1970 foi suspensa a Direcção do sindicato dos Metalúrgicos, sendo acusada pela burguesia e pelo governo de tentar fazer agitação e subversão entre os operários metalúrgicos. Com isto, o governo só provou que o Sindicato dos Metalúrgicos é um sindicato operário, disposto a lutar na defesa dos seus interesses de classe.

Sindicato dos Caixeiros

No dia 15 de Março de 1971, houve uma concentração de 5000 trabalhadores, junto ao Palácio de S. Bento, para protestar contra a decisão do governo de não aceitar a reivindicação de 44 horas de trabalho se

manal; ponto já aceite na comissão de arbitragem dos trabalhadores e patrões.

A policia de choque carregou brutalmente, provocando vários feridos, alguns em estado grave.

Registaram-se várias reuniões a nível sindical onde os trabalhadores acorreram em massa, sendo por vezes insuficientes as salas para estas reuniões, especialmente no Sindicato dos Metalúrgicos, dos Caixeiros e da Estiva.

Registaram-se ainda várias reuniões inter-sindicais para protestar contra as medidas a las vas do governo.

Alguns sindicatos hoje, em Portugal, dos quais se destacam os metalúrgicos e caixeiros dão-nos uma ideia clara de que o movimento sindical continua a ser uma das formas de organização de base dos trabalhadores, pelo seus objectivos imediatos: aumento de salários, melhoria de condições de trabalho, melhoria de condições de vida em geral.

É na defesa destes objectivos imediatos que os trabalhadores se unem; é nesta defesa de interesses comuns que nasce a união da classe, opondo-se assim à divisão que a burguesia tenta lançar no seio dos trabalhadores.

Sem esta união de classe não é possível passar-se a formas superiores de luta.

"O verdadeiro resultado da luta económica não é a vitória imediata mas o desenvolvimento da união e da organização dos trabalhadores". (Marx)

O dever de todo o trabalhador consciente, e em primeiro lugar de todo o comunista, é não deixar que os sindicatos degenerem em órgãos patronais. Isto conse-

gue-se tendo-se uma visão clara do papel dos sindicatos; tendo-se conhecimento de outras formas de luta que possibilitem a organização dos trabalhadores em etapas superiores.

Todos nós sabemos que a greve em Portugal, é proibida; logo, não pode ser conduzida senão clandestinamente, coisa que o sindicato não pode fazer. Esta e outras formas de luta estão sujeitas à repressão do governo. Isto põe ao operariado e às outras classes trabalhadoras a necessidade urgente de se organizarem em novas formas. A criação de núcleos, de trabalhadores conscientes, por locais de trabalho, por profissões, por regiões, são tarefas organizativas que o operariado e as restantes classes trabalhadoras devem levar a cabo. Sem isto, é impossível o aproveitamento da base unitária e organizativa dos sindicatos, provocando assim a estagnação da luta do operariado, e obriga a que os sindicatos percam as suas perspectivas como organizações de base.

É a relação estreita entre a luta sindical, que tem como objectivo principal fomentar a unidade e a organização dos trabalhadores, e outras formas que permitem a passagem a estágios superiores de organização um factor essencial da luta do proletariado pelo seu objectivo final: o derrubamento do Estado da burguesia e sua substituição pelo Estado proletário, pela ditadura do proletariado, pela construção da Sociedade Socialista.

Em frente pela organização do operariado e das classes trabalhadoras em perspectivas revolucionárias.

Núcleo "Revolução Popular"

jornal não é só um propagandista e um agitador colectivo,
ele é também um organizador colectivo.» (Lénine)

Camaradas:

O contacto entre os núcleos e "As Armas do Povo" é, não só importante, como fundamental. Solicitamos-vos, por isso, que nos façam chegar a vossa colaboração, tanto notícias e informações como artigos sobre questões de organização e debate de ideias.

Acentuamos que "As Armas do Povo" existirão efectivamente na medida em que haja a colaboração dos núcleos.

pois o jornal é da responsabilidade do conjunto dos núcleos e não apenas duma equipa de redacção.

Chamamos ainda a atenção dos camaradas para o facto de os artigos deverem obedecer, como se compreende, a princípios de eficiência, procurando dizer o máximo de coisas no mínimo de espaço.

A equipa de redacção



LUTA ESTUDANTIL Últimas notícias

- Levantadas as greves nas Faculdades de Economia e Medicina, no Porto, estudam-se formas organizativas para coordenação a nível global.

A Repressão:

Estudantes presos

Lisboa:

Francisco Bruto da Costa (Direito)
Alberto Costa (Direito)
Cabral (Direito)
Luís Filipe Sabino (Direito)
Manuel João Lobo (Direito)
Benvinda (Comercial)

Coimbra:

Rui Teixeira
M. Barbosa

Maria da Graça saiu da prisão e está internada devido a perturbações psíquicas derivadas da tortura; vários dos presos de Lisboa e Coimbra estão em tratamento psiquiátrico, devido às torturas que sofreram.

Estudantes suspensos

Luís Guerra
João Soares
Costa Afonso ✕
Pedro Palhinha
Ribeiro Sanches

Industrial

Luís Carlos Parente
Álvaro Pato
Abílio Mendes da Silva

SÓ A GUERRA POPULAR LEVARÁ À VITÓRIA OS POVOS DAS COLÓNIAS!

10º ANIVERSARIO DA LUTA ARMADA
DO POVO ANGOLANO



No dia 4 de Fevereiro passou o 10º aniversário da luta armada do povo angolano contra o colonialismo português.

A forma mais concreta de apoiarmos a luta dos nossos irmãos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, é lutarmos para fazer avançar o movimento popular revolucionário em Portugal, de modo a criarmos uma frente de combate efectiva contra a burguesia portuguesa e contra o imperialismo internacional, opressores dos povos coloniais e dos trabalhadores portugueses.

Viva a justa guerra do povo angolano!

continuação da última pág.

pedras arrancadas das ruas, antes de combaterem durante 5 horas contra 3 mil polícias, em barricada, unidos com operários e estudantes que entretanto tinham vindo juntar-se-lhes.

Um dos cartazes dos camponeses dizia: "Resistimos a Hitler resistiremos a Mansholt" (ministro). Isso só por si, fala do que é na realidade a chamada "Europa Democrática"! Os trabalhadores da "Europa Democrática" não têm

ilusões: o regime é de patrões, portanto há que resistir-lhe e acabar com eles: tanto faz que os patrões se chamem "democratas" - pois sendo patrões continuam a ser exploradores.

NO DIA 23 DE MARÇO, EM BRUXELAS, OS CAMPONESES DA CHAMADA "EUROPA DEMOCRÁTICA" MOSTRAM BEM, COM A SUA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA, QUE NÃO ESPERAM GRANDE COISA DO REGIME DOS PATRÕES, E QUE ESTÃO DISPOSTOS, PELO CONTRÁRIO, A COMBATÊ-LO E A VENÇÊ-LO!

a luta dos camponeses na Europa dita "democrática,"



No mesmo dia em que os ministros do mercado comum se reuniam em Bruxelas, capital da Bélgica, para decidir acerca dos preços dos produtos agrícolas, visto os camponeses dos países do mercado comum terem protestado com força contra os baixos preços por que eram obrigados a vender os seus produtos, neste mesmo dia 23 de Março juntaram-se em Bruxelas mais de 100 mil camponeses vindos de diversas regiões da Europa - da Bélgica, da Holanda, da Alemanha, da Itália, da França, do Luxemburgo.

Vieram com a revolta. A polícia belga lá estava para manter a boa ordem dos capitalistas do mercado comum - mas não o conseguiu...

Os dirigentes dos sindicatos traidores queriam uma manifestação "calma e digna". Mas os camponeses estavam, e estão, revoltados contra a política dos capitalistas; já não estão para comícios sossegados, em que nada conseguem.

Por isso, devastaram Bruxelas: nos bairros ricos deram cabo dos armazens de luxo; com